

Mapeamento da Cobertura Noticiosa Campo-grandense sobre Desinformação na pandemia e pós-pandemia (2020-2023)¹

Camila Andrade Zanin²

Tais Fenelon Tellaroli³

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

RESUMO

Este resumo expandido mapeia a temática da desinformação a partir da análise de dois portais de notícia campo-grandenses: Correio do Estado e Campo Grande News. Considerando a desordem informacional e o papel do jornalismo interiorano, averiguou-se a frequência de aparição do termo, as áreas perpassadas, e os modos de enfrentamento ao fenômeno. A fundamentação teórica relaciona disputa pela opinião pública, desinformação e o papel dos algoritmos. Foram identificadas lacunas na cobertura noticiosa e falta de enfrentamento no âmbito local. O estudo evidencia a necessidade de uma cobertura mais engajada e educativa sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: desinformação; jornalismo local; Campo Grande News; Correio do Estado.

Introdução

O presente resumo parte do recorte de uma pesquisa realizada à nível de mestrado pelas autoras. Considerando o espaço limitado, apresentar-se-á uma amostra da análise.

No mundo contemporâneo de incertezas e busca por respostas rápidas, no contexto de intensa polarização política, a desinformação encontra um vetor de profusão nas plataformas digitais. Discursos de ódio, uso de *bots*⁴ e Inteligência Artificial na estratégia das campanhas eleitorais, incentivo a mobilizações antidemocráticas, ascensão de movimentos antivacina e negacionismo científico⁵, e a dupla desintermediação-deslegitimação do jornalismo formam uma teia complexa e perigosa para as democracias.

O jornalismo local está imerso nesse ecossistema. A dificuldade em nível nacional de contestar a desinformação já é um desafio, e em nível regional é ainda maior pela falta de recursos (Del Bianco, Lima, 2022). O relatório da UNESCO⁶ (2020) destaca o papel

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (Comunicação, divulgação científica, saúde e meio ambiente em cenário de desinformação), evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 20 a 22 de maio de 2025.

² Profª Drª do Curso de Jornalismo e da Pós Graduação em Comunicação da UFMS, e-mail: tais.fenelon@ufms.br

³ Estudante de Pós Graduação 1º. semestre do doutorado UFMS, e-mail: camila.zanin@ufms.br

⁴ Disponível em: <https://acesse.one/YwC6m>. Acesso em 16 de junho de 2023.

⁵ Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/campanha-de-desinformacao-sobre-vacina-contracovid-avanca-com-testes-no-brasil/>. Acesso: 16 de junho de 2023.

⁶ Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000374416_por. Acesso: 16 de junho de 2023.

da mídia local em cenários de crise, considerando-a um canal de acesso às notícias da comunidade, sendo a melhor fonte quando se trata de assuntos de proximidade.

Com o caráter interiorano da imprensa campo-grandense, a pesquisa calca-se na importância de mapear a temática “desinformação” no jornalismo local, a fim de identificar padrões, tendências e lacunas na cobertura jornalística sobre o assunto. Dessa forma, averiguou-se a frequência de aparição do termo, as áreas que o termo perpassa, e os modos de enfrentamento utilizados.

Os objetos de estudo escolhidos foram itens jornalísticos veiculados pelos portais de notícia Correio do Estado (CE) e Campo Grande News (CGN), no período de 2020 a 2023, a partir da busca pela palavra-chave “desinformação”. A escolha se deu por duas razões: 1) diferença de origem de cada portal. Enquanto o primeiro é um jornal impresso de ênfase conservadora⁷ que migrou parte da produção para o on-line, o segundo foi criado em 1999 para atender o público web⁸; e 2) pela alta circulação⁹ de leitores no estado do Mato Grosso do Sul (MS).

Metodologia

Para alcançar os objetivos propostos, utilizou-se o método da análise de conteúdo (Bardin, 1977) no que tange os mapeamentos iniciais dos conteúdos: a frequência de aparição do termo, temas perpassados e as formas de enfrentamento. A metodologia é um estudo exploratório de abordagem quanti-qualitativa, e contabilizou todos os gêneros jornalísticos encontrados.

O levantamento resultou em 277 itens jornalísticos, sendo cinco duplicadas idênticas. Ao eliminar as duplicatas, o *corpus* foi constituído por 272 textos jornalísticos. São 89 itens do CE, sendo 83 informativos (36 notícias e 47 checagens de fatos), e 6 opinativos (4 artigos e 2 colunas). No CGN foram 183 coletados, sendo 90 informativos (87 notícias e 3 enquetes), e 93 opinativos (73 artigos e 20 colunas).

⁷ Fundado em 7 de fevereiro de 1954, por José Barbosa Rodrigues, em Campo Grande com o objetivo de ser um informativo político, com ligações com o partido União Democrática Nacional (UDN), de ênfase conservadora.

⁸ A inovação aconteceu por meio de uma parceria entre o empresário Miro Ceolim e o jornalista Lucimar Couto, para atender a migração de leitores assinantes de jornais para acesso gratuito aos sites de notícias.

⁹ Conforme o site Similar Web, o Correio do Estado tem a média de 1 milhão de acessos mensais, enquanto o Campo Grande News tem a média de 4 milhões de acessos mensais.

Após a coleta e análise primária do material, reconheceram-se categorias para orientar o mapeamento, que se atentam a: 1) frequência; 2) temáticas; e 3) formas de enfrentamento. Por fim, foi realizada a análise comparativa dos dois portais de notícia.

Fundamentação Teórica

De acordo com Lima (2021), a opinião pública sempre foi alvo dos governos e grupos influentes no Brasil e no mundo. A desinformação como estratégia manipula os cidadãos, e contribui nas disputas discursivas pela hegemonia do sentido na narrativa.

De acordo com Santaella (2020), a mentira e a manipulação sempre existiram na história da humanidade, pois derivam das relações de poder que preconizam. O que mudou foram os ambientes para produção e de propagação nos meios digitais.

Atualmente, vive-se na desordem informacional, termo cunhado por Wardle e Derakhshan como uma “poluição informativa em escala global formando uma complexa teia de motivações para criar, disseminar e consumir mensagens sem qualidade que são amplificadas por plataformas e seus algoritmos” (Wardle, Derakhshan, 2017, p. 4).

Alves e Maciel (2020) observam que nas plataformas digitais o material falso tende a explorar temas polêmicos de forma sensacionalista, cujo conteúdo é compartilhado massivamente, gerando tráfego em sites, e permitindo ganhos financeiros com anúncios via Google AdSense. De forma complementar, Lopes explica que:

Os primeiros resultados de uma pesquisa no Google, as publicações no Facebook, os livros na Amazon, os locais no Booking... são “sugestões” decididas por algoritmos. Essas decisões são tomadas com base em comportamentos passados: palavras-chave para pesquisa, páginas visitadas, relacionamentos digitais, likes e interesses, toda a informação é monitorizada e usada como probabilidade para o futuro. E esse futuro passa pela comunicação comercial, de negócio das marcas, mas também pela comunicação político-ideológica: de valorização de crenças, de verdades pré-concebidas, de preconceitos. Neste sentido, os algoritmos limitam a nossa liberdade, obrigam-nos a viver em “bolhas” (Lopes, 2019, p.148).

Segundo Giuliano da Empoli (2019), as bolhas criam uma visão cristalizada do mundo, caracterizada pelo dogmatismo, inexorabilidade e falta de pensamento crítico. Além disso, constituem um vetor de coesão, visto que ao acreditar e/ou continuar apoiando o candidato mesmo com notícias absurdas e comprovadamente falsas, seu público demonstra a lealdade que tem por esse representante. A exposição seletiva de

ideias por algoritmos e pela infraestrutura técnica das redes limita os indivíduos em bolhas de des(informação), contribuindo para polarização e visão de mundo distorcidas.

Os modelos de comunicação que compõem esse novo ecossistema são os responsáveis pelo fluxo de informações. Mesmo que as bolhas e a polarização sejam anteriores à Internet, essa limitação de espaços (algoritmos) cumprem a função de filtrar e direcionar comportamentos em uma escala muito maior e mais rápida do que as naturalmente formadas, potencializando fenômenos alienadores (Empoli, 2019). Nesse contexto, as empresas de comunicação lidam com contestações, críticas e represálias de políticos e seus seguidores que deslegitimam o papel da imprensa.

Neste trabalho, o contexto exposto será aplicado no que tange a mídia local. Peruzzo (2005) entende que a característica-chave da mídia local são os vínculos de pertença, o compromisso com o lugar e com a informação de qualidade. Trabalha a informação de proximidade, promovendo relações de identidade e pertencimento de uma comunidade e de seus indivíduos com o local. Alicerçados por essa definição, questiona-se: como se dá a cobertura noticiosa do jornalismo local frente a desinformação?

Para tal resposta, utilizou-se como parâmetro de envolvimento da mídia local no enfrentamento à desinformação no relatório da UNESCO (2020). Os pontos elencados são: ações de educação midiática; checagens de fatos e inovações para produzir informações em formatos mais acessíveis; estabelecer parcerias em investigações relacionadas à desinformação com outras organizações de notícias nacionais e internacionais; intensificar a transparência (remoção de conteúdo); e investir na verificação rigorosa de fatos e fontes.

Portanto, contrapor a desordem informacional exige mais do que o sentido de realidade do discurso. O jornalismo profissionalizado, norteado pela ética deve promover audiência de debate plural, com métodos transparentes de investigação e apuração, independente de interesses particulares de anunciantes e acordos com grupos de interesse político e econômico da localidade.

Principais Resultados da Pesquisa - Volume e frequência de publicações

A primeira característica distinta observada é a frequência de aparição do termo. O CE apresenta inconstância no número de publicações. Com **89 itens jornalísticos**

publicados, apenas **12 são de cobertura local**. Há uma queda de 70% no número de publicações do primeiro (2020) para o segundo (2021) ano, sendo que em 2020 o jornal publicou 10 matérias e em 2021, apenas três. Em 2022 foram publicadas 30 matérias, já no último ano de análise (2023) foram 46 publicações.

O CGN, por sua vez, teve constância com tendência crescente. Foram contabilizados **183 itens jornalísticos**, sendo 46 matérias em 2020; 40 em 2021; 47 em 2022 e 50 em 2023. A cobertura de acontecimentos locais também é superior, sendo **54 notícias de âmbito local**.

Temáticas

Nos dois primeiros anos (2020 e 2021), o CE (pandemia de Covid-19) não publicou matérias relacionadas à saúde, apenas voltadas à política de âmbito nacional. No terceiro e quarto ano (2022 e 2023) o termo aparece majoritariamente (35 de 46 matérias) nas checagens de fatos (Projeto Comprova), que também tem cunho político em âmbito nacional. Durante os quatro anos, a desinformação perpassou as seguintes temáticas: 70,7% política, seguidos por saúde (14,6%) e abordagens de educação midiática (8,9%). Em menor número, aparecem publicações sobre tecnologia (2,2%), educação e pesquisa (2,2%) e economia (1,1%).

No CGN, a desinformação foi pautada em número maior de temáticas, mas principalmente saúde e política: 32,2% de matérias voltadas à saúde; 25,6% em política; 13,1% em educação midiática, e 8,1% em educação e pesquisa. Em menor quantidade, foram abordados temas como judicial/criminal (5,4%); tecnologia (4,9%); ciência (4,9%), meio ambiente (2,1%); cultura/arte (1,6%); economia (1%) e religião (0,54%).

Enfrentamento à desinformação

Outra distinção são as formas de enfrentamento à desinformação em cada portal. O CE terceiriza o trabalho de checagem de fatos (Projeto Comprova). Apesar da qualidade do trabalho executado pelo Comprova, pontua-se que os acontecimentos de âmbito local que envolvem desinformação não são apurados ou checados. Dessa forma, o portal de notícias deixa lacunas.

O CGN opta por uma abordagem diferente. Exerce o jornalismo local com mais de frequência, pois apura alguns acontecimentos da capital e do interior de MS envolvendo a desinformação (54 textos de 183). Ademais, republica artigos publicados em sites de universidades e revistas científicas escritos por pesquisadores, de cunho educativo, pró ciência, e de educação midiática (64 textos de 183).

Conclusão

A desinformação está cada vez mais presente no debate público, conforme o aumento anual da aparição do termo nos portais de notícia analisados. Contudo, isso não significa necessariamente maior profundidade ao tema. Apesar dos textos apresentarem preocupação frente à desinformação, observou-se que existem lacunas na cobertura noticiosa, em especial quando se trata do âmbito local.

O CE alinha-se a pautas de política nacional, e pouco explora a temática da desinformação. Como terceiriza o serviço de checagens, não checa desinformações da localidade campo-grandense. Outro ponto que chama a atenção é a lacuna de aparição do termo nos anos de 2020 e 2021, visto que estávamos em meio à crise de pandemia e infodêmica de Covid-19.

O CGN realiza apurações locais envolvendo o tema com mais frequência. Ao abordar um número maior de temáticas, demonstra como a desinformação é pervasiva. O portal tende a acompanhar agendas midiáticas, como: pandemia de Covid-19, ataques à vacinação, cobertura das eleições presidenciais, inserção da inteligência artificial no cotidiano, etc. Embora apenas republique artigos de pesquisadores, a seleção de temas é interessante, pois abordam em sua maioria educação midiática e a valorização da ciência.

A pesquisa conclui que, com base na importância do jornalismo de proximidade no enfrentamento à desinformação local, os jornais CE e CGN no período pandêmico e pós pandêmico (2020 a 2023) apresentam um desenvolvimento lento e gradual de posicionamento crítico e ativo frente a situação.

Com base na quantidade de temas perpassados pela desinformação, caracteriza-se a desinformação como “pervasiva e elástica”, porque se trata de um fenômeno social coletivo que pelas plataformas, se espalha e penetrando facilmente em diversas áreas,

causando problemas no desenvolvimento social. O fenômeno alcança questões mundiais, nacionais e acontecimentos cotidianos e singulares de Campo Grande.

Nesse contexto, o jornalismo local e a informação de proximidade são fundamentais para a manutenção do regime democrático e do desenvolvimento local, mas isso não se concretiza como esperado nos portais analisados. É evidente que ambos ainda estão em processo de adaptação frente ao fenômeno.

Considerando que a pesquisa fez a escolha metodológica de analisar dois portais de notícia de Campo Grande (MS), seus resultados não podem ser generalizados para todas as regiões do país. Ademais, reforça-se a necessidade de um jornalismo de proximidade mais comprometido com a localidade.

REFERÊNCIAS

ALVES, Marco A. S.; MACIEL, Emanuella R. H. O fenômeno das fake news: definição, combate e contexto. **Internet & sociedade**, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/44432>. Acesso em: 15 mai. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa. Portugal: Edições, v. 70, 1977.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos**: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. Vestígio Editora, 2019.

DEL BIANCO, Nélia; LIMA, Hélder. Radiojornalismo de proximidade e desinformação no contexto da Pandemia de Covid-19. **Comunicação & Inovação**, 2022. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/8142. Acesso em: 20 fev. 2023

LIMA, Fábio Barbosa de. Entre bolhas e grietas: a polarização político-ideológica nas redes sociais. **Estudos Linguísticos e Literários**, Salvador, n. 67, p. 63–81, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/44100>. Acesso em: 10 nov. 2023.

LOPES, Paula; DIAS, Carlos Pedro. Soa a falso? Parece mentira? Desordem informacional, jornalismo e cidadania em tempos de incerteza. Um mundo de incertezas: as leituras possíveis de um tempo pandêmico, p. 29-49, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/handle/11144/5073>. Acesso em: 27 set. 2023.

PERUZZO, Cicilia N. Krohling. **Mídia regional e local**: aspectos conceituais e tendências. *Comunicação & Sociedade*, v. 26, n. 43, p. 67-84, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. A semiótica das fake news. **Verbum**, cadernos de pós-graduação. 2316-3267, 2020, p. 09-25. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/verbum/article/view/50522>. Acesso em: 15 jan. 2023.

WARDLE, Claire; DERA KHSHAN, Houssein. **Information Disorder**. Toward an interdisciplinary framework for research and policymaking. Council of Europe, 2017.